

Visitas ao Alto Juruá

Luiz Antônio Batista de Macedo
Mauro W. B. de Almeida

Nesses últimos dias a Reserva Extrativista do Rio Tejo tem recebido muitas visitas interessantes. Somente durante este mês de outubro de 1988 a população daquele esquecido rincão do Alto Juruá acreano recebeu os pesquisadores da EMBRAPA Eduardo Evaristo de Miranda, que chefia a equipe, e mais Alejandro Dorado, Alexandro Coutinho e Mateus Batistella, todos biólogos e ecologistas. O Tejo também foi visitado pelo químico, biólogo e ecologista Keith Brown Jr., da UNICAMP, e pelo biólogo, Adão José Cardoso, professor e diretor do Museu de Biologia da UNICAMP. Essas visitas por avião, helicóptero, a canoa e a pé não foram a passeio. Elas fazem parte do conjunto de pesquisas dirigidas à implantação da Reserva Extrativista do Rio Tejo, e foram possibilitadas por ações da Procuradoria Geral da República, bem como pela reitoria da UNICAMP através de convênio com o Conselho Nacional dos Seringueiros, e contaram com o apoio do IBAMA que cedeu um helicóptero para uma das viagens.

Outra importante presença no Rio Tejo foi a do economista Sérgio de Paula, do BNDES, e do engenheiro florestal Écio Rodrigues da Silva, da FUNTAC. Estas visitas também não foram a passeio. Elas fazem parte de uma experiência inédita de financiamento de projetos de seringueiros por parte de órgãos públicos, a partir de iniciativas autônomas dos próprios seringueiros.

Também esteve recentemente no alto Juruá o jornalista, e nosso particular amigo Antônio Alves, o Toim. A equipe contou com a ativa e exemplar participação da antropóloga Maria Maia e da equipe de produção da EMA Vídeo, produtora para a Rede Manchete de Televisão. Esse trabalho resultou num grande documentário sobre a Reserva Extrativista do Alto Juruá. Não deixem de assistir a esse espetáculo de beleza, harmonia e construtividade. É coisa de nossa terra e de nossa luta pela libertação, diversificação, modernização, desenvolvimento e preservação.

Esse conjunto de visitas mostra a importância do que ocorre hoje no Rio Tejo, onde está se constituindo, com apoio de cientistas e técnicos, uma Reserva Extrativista que saiu da cabeça e dos corações de seringueiros da mata. Essa Reserva Extrativista, da qual depende o futuro de milhares de seringueiros e índios das florestas do alto Juruá acreano, e fruto da organização dos seringueiros no seu Conselho Nacional dos Seringueiros e na Associação dos Seringueiros e Agricultores da Bacia do Rio Tejo, já uma realidade. Falta uma medida do poder público reconhecendo essa realidade.

A situação atual no Rio Tejo é muito bonita. Tão bonita quanto o próprio Tejo de altos barrancos e florestas variadas. Ela custou muito esforço de líderes seringueiros como Chico "Ginú" (que é vice-presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros e também presidente da Associação dos Seringueiros da Bacia do Rio Tejo), de Francisco "Dolor", de seu Milton Gomes e de muitos outros seringueiros do Rio Tejo. Muita gente já está reconhecendo essa realidade.

Este ano, o rio Tejo já foi visitado por técnicos do INCRA que realizaram levantamento fundiário, mas cujos resultados não apareceram nem chegaram aos seringueiros. Esta é a segunda visita do INCRA à área, onde já estiveram em 1983, sem reconhecer direitos aos seringueiros ocupantes. Foi preciso a ação dos seringueiros criando sua Reserva Extrativista para trazer de novo o INCRA à área, mas os seringueiros ainda aguardam uma posição sobre seus direitos.

Até a SUCAM, que há oito anos não pisava no rio Tejo, enviou uma equipe até a área este ano, realizando por sinal um bom serviço. Uma equipe da PM também visitou o Tejo este ano, depois que o Conselho solicitou à Secretaria de Segurança a manutenção da ordem (infelizmente o resultado da visita foi um "relatório" movido por clara antipatia contra os seringueiros). Aliás, já é grande a lista dos repórteres, por antropólogos, biólogos e economistas que visitaram o nosso querido rio. Milton Nascimento, que já esteve a nosso convite, não chegou a entrar no Tejo mas se encontrou com uma grande delegação de seringueiros que vieram a seu encontro em Vila Chaumaturgo,

pouco abaixo da boca do Tejo. Nessa visita Milton tornou-se amigo de vários gerentes comunitários que o acompanharam em visita aos índios Kampa do rio Amônia. Os seringueiros do alto Juruá começam a conhecer o mundo, e o mundo começa a conhecer os seringueiros do alto Juruá. Está na hora dos nossos conterrâneos darem o devido valor a essa experiência de desenvolvimento feita por acreanos.

Nem tudo são flores no Tejo. Há muitos problemas e dificuldades, e para aqueles marreiteiros, sub-arrendatários e pequenos patrões que perderam o monopólio e o poder absoluto sobre os seringueiros daquela região, tornou-se moda agora difamar os seringueiros inventando histórias. Mas as ações realizadas no Rio Tejo são muito claras e transparentes. Para quem quer saber, contamos mais uma vez a história certa. O BNDES financiou ao Conselho Nacional dos Seringueiros, através de contrato celebrado entre o Conselho e o Banco, tendo como intervenientes técnicos a Fundação de Tecnologia do Estado (FUNTAC), e a Secretaria de Planejamento e o BANACRE, recursos no valor de NCZ\$ 136.000,00 em janeiro de 1989. Desse patamar de recursos, os seringueiros/agricultores da bacia do Rio Tejo foram beneficiados com NCZ\$ 71.017,00. Este dinheiro destinava-se a um projeto prevendo a construção de 12 galpões para abrigar os gêneros de primeira necessidade, e para hospedar os seringueiros da comunidade. Em menos de 10 meses, foram implantados 14 galpões, dos quais 12 são armazéns e 2 são locais para realização de reuniões. Cinco galpões são de madeira, paxiúba e cobertura de palha de jaci; nove galpões são de madeira serrada e cobertura de brasilite e alumínio. Além disso, foi adquirida uma sede própria na cidade de Cruzeiro do Sul, que funciona hoje como escritório dos povos da floresta, como hospedaria de seringueiros e como ponto de referência.

O projeto visava também adquirir 7 barcos motorizados de pequeno porte, isto é, canoas com motores de rabeta, a diesel. Em menos de 10 meses, foram adquiridos 18 desses barcos pequenos (vários deles construídos dentro do próprio Rio Tejo) contando com 12 motores diesel. Foi comprado também um batelão com

capacidade para 14 toneladas, movido a dois motores diesel. E mais 15 balanças, uma serra circular, 15 calculadoras manuais, uma calculadora elétrica, máquinas de datilografia, freezer, telefone etc. Essa estrutura é operada por 12 gerentes comunitários dentro do Rio Tejo, com apoio de contador e assessores em Cruzeiro do Sul, cujos salários são pagos pelo Conselho Nacional dos Seringueiros. A Associação de Seringueiros e Agricultores da Bacia do Rio Tejo já conta com 400 associados.

Os resultados dessa ação são muito claros. A Associação, que já realizou várias vendas de borracha, quebrou o monopólio da exploração comercial dos gêneros de primeira necessidade e da borracha. Ainda existem os marreiteiros e comerciantes, em alguns casos instalados nos seus antigos "barracões". Mas hoje a borracha dos seringueiros é paga na Bacia do Rio Tejo a preço de usina, exatamente o preço da cidade, e sem "tara". E os gêneros são vendidos aos associados com um acréscimo de apenas 30% sobre o preço de Cruzeiro do Sul. Os antigos patrões, que gozaram de plena liberdade de movimento e não são hostilizados por ninguém, são obrigados agora a concorrer com estes preços. Hoje, a associação tem um capital (borracha mais mercadoria) de NCZ\$ 400.000,00.

Falta o sistema de escolas e de saúde que deve ser implantado em fase inicial já no próximo ano, em 1990. E muitas outras novidades na área de beneficiamento de produtos da região e de novas tecnologias para os seringueiros que já são excelentes marceneiros, mecânicos e artesãos, além de extrativistas e agricultores não-predatórios.

Hoje, como já dissemos, o Tejo conhece o mundo e o mundo conhece o Tejo. Falta o Acre conhecer melhor o Tejo e principalmente seu governo, através dos órgãos competentes, tomar a iniciativa de reconhecer por lei a Reserva Extrativista do Rio Tejo. O Acre não pode cometer o erro que cometeu com Chico Mendes, de ser o "último a saber" de seus valores e heróis. As maiores riquezas de nossa terra não são terra de madeira-de-lei para vender a preço de banana. São as pessoas da terra que têm coragem e inteligência e audácia para dar lições ao mundo.